

Paisagem cultural: da cena visível à encenação da alma

Cultural landscape: of the visible scene to the staging of soul

Paisaje cultural: la scene visible para la escena de la alma

Beatriz Helena Furlanetto
Universidade Estadual do Paraná
beatrizhelenafurlanetto@gmail.com

Salete Kozel
Universidade Federal do Paraná
skozel@ufpr.br

Resumo

O texto discute as diferentes perspectivas teórico-conceituais da paisagem nos estudos da geografia cultural, através da análise bibliográfica e documental. Com a renovação da geografia cultural no final do século XX, a diversidade cultural passa a ser estudada além dos conteúdos materiais, incorporando a dimensão simbólica das construções socioespaciais, almejando-se a compreensão do mundo e do ser humano na sua pluralidade. A paisagem deixa de ser concebida como um dado objetivo e considera-se sua dimensão subjetiva. Assim, a paisagem cultural expande-se em significados, fala do homem e manifesta seu ser. Para Berque (1998), a paisagem é marca e matriz da cultura, exprime o sentido que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e a natureza. Segundo Andreotti (2010, 2012), a paisagem é criada pelo próprio observador e dotada de valores espirituais, reflete o homem e a sua história. Nessa perspectiva, a paisagem cultural é espiritual, se mostra carregada de sentido e investida de afetividade, revelando as complexidades da alma humana.

Palavras-chave: Geografia Cultural; Paisagem Cultural; Paisagem Espiritual; Epistemologia da Geografia.

Abstract

The paper discusses the distinct perspectives of theoretical-conceptual landscape within the realm of the Cultural Geography based on a literature review and documents analysis. With the renewal of the Cultural Geography in the late 20th Century, the cultural diversity becomes an object of study beyond the material concepts, incorporating the symbolic dimensions of the social and spatial constructions, aiming at understanding of the world and of the human being in its

plurality. The landscape is no longer perceived as a given objective, by being perceived by its subjective dimension. Thus, the cultural landscape expands itself resulting in a diversity of meanings, and it includes approaches on the human being in a broad sense. For Berque (1998), the landscape is a landmark and a matrix of culture, and it expresses the meaning that society gives to its relationship with the space and nature. According to Andreotti (2010; 2012), the landscape is created by the observer and endowed with spiritual values, which reflects the man and its history. In this perspective, the cultural landscape is spiritual, full of meanings and of affectivity, revealing the complexities of the human soul.

Keywords: Cultural Geography; Cultural Landscape; Spiritual Landscape; Epistemology of Geography.

Resumen

El trabajo analiza las perspectivas del paisaje teórico conceptual en los estudios de geografía cultural, a través de análisis bibliográfico y documental. Con la renovación de la geografía cultural a finales del siglo XX, diversidad cultural debe estudiarse además de los materiales contenidos, incorporando la dimensión simbólica del socioespaciais construcciones: busca la comprensión del mundo y del ser humano en su pluralidad. El paisaje ya no es concebido como un objetivo determinado y considera su dimensión subjetiva. Así que, como Cosgrove (1998), el paisaje cultural se expande en el discurso humano y expresa su ser. Para Berque (1998), el paisaje es marca y matriz de la cultura, expresa el sentido de que una empresa da a su relación con el espacio y la naturaleza. Según Andreotti (2010, 2012), el paisaje se crea por el observador y dotado de valores espirituales, refleja el hombre y su historia. En esta perspectiva, el paisaje cultural es espiritual, está cargada de significado y de afectividad, revelando las complejidades del alma humana.

Palabras clave: Geografía Cultural; Paisaje Cultural; Paisaje Espiritual; Epistemología de la Geografía.

Introdução

“Aprendemos a admirar a natureza guiados pela arte: a natureza contemplada é paisagem”, afirmam Aliata e Silvestri (2008, p.13).

O termo paisagem surge no século XV e refere-se aos quadros que reproduzem um fragmento da natureza. Segundo Salgueiro (2001), ao fazer da natureza objeto e opção de beleza, a pintura da paisagem valoriza o território como espetáculo estético, implica o afastamento entre o sujeito e o objeto de contemplação (a natureza), e revela um posicionamento diferente das pessoas face ao seu ambiente. Para descobrir a beleza da natureza é necessário aprender os códigos e modelos culturais, pois a paisagem é uma maneira de ver o mundo. Conforme a autora, a nova relação do homem com o seu espaço não é um dado, portanto, mas um produto construído por um processo sociocultural.

O conceito geográfico de paisagem, engendrado a partir da arte pictórica, aparece identificado com a fisionomia de uma dada área, sua forma visível. Até o século XVIII as descrições das paisagens, através de narrativas e ilustrações, balizam os trabalhos dos viajantes que se utilizam da geografia para

apreender a natureza das regiões que percorrem. Assim, inicialmente, a geografia física investiga os fenômenos naturais da paisagem. Posteriormente, os geógrafos questionam a influência que o meio exerce sobre os indivíduos e grupos, e a paisagem passa a ser concebida na interface entre natureza e fatos sociais, delimitando-se o campo da geografia humana (CLAVAL, 2004).

Nessa perspectiva, os estudos de paisagem incorporam as transformações que a atividade humana promove no meio ambiente, com a individualização das paisagens culturais face às paisagens naturais, considerando-se as interligações mútuas.

Paisagem Cultural

A paisagem, um dos conceitos mais antigos da geografia, foi um dos primeiros temas desenvolvidos pelos geógrafos alemães, franceses e americanos na perspectiva cultural.

O termo “Geografia Cultural” foi utilizado pela primeira vez em 1880, por Friedrich Ratzel, ao fazer referência a uma *culturegeographie* dos Estados Unidos. Em sua obra *Antropogeographie*, publicada em 1891, influenciado pelas lições dos grandes mestres alemães Alexandre Von Humboldt e Carl Ritter, Ratzel edificou a base conceitual da geografia humana como um conjunto de categorias do meio físico e sua influência sobre o homem. Seus estudos culturais posteriores se referem à mobilidade das populações, às condições de assentamento humano e à difusão da cultura por meio das vias de comunicação.

Apesar da grande contribuição de Ratzel ao enfoque da cultura, esta é analisada como um conjunto de artefatos para determinar as relações do homem com o meio, ou seja, a cultura é fundamentada em aspectos materiais, como esclarecem Claval (1999) e Almeida (2008a). Ratzel atribui, ainda, ao Estado, o papel dominante na compreensão da repartição espacial de povos com certo nível de desenvolvimento, uma conotação política que atribui poder ao espaço, ou seja, em seus estudos, a política impõe-se ao cultural.

Otto Schlüter também se destaca entre os precursores da geografia cultural alemã ao tratar a *Kulturlandschaft* (paisagem cultural) como objeto da geografia humana, estabelecendo importantes relações entre geografia, paisagem e cultura. Outras contribuições vieram de August Meitzen e Eduard Hahn, nos estudos de paisagens agrárias.

A maioria dos geógrafos alemães do início do século XX interessava-se pelas marcas da ação humana impostas à paisagem, enfatizando os utensílios e as técnicas utilizadas para dominar o meio. O objeto da geografia era

“descrever aquilo que se qualifica desde então de morfologia da paisagem cultural e de compreender sua gênese”, conforme Claval (1999, p.24).

Os geógrafos franceses Vidal de La Blache e seus herdeiros diretos – Albert Demangeon, Jean Gottmann, Jean Brunhes e Pierre Deffontaines – compartilhavam da visão que os geógrafos alemães possuíam de cultura, como algo que se interpõe entre o homem e o meio, e humaniza as paisagens.

A cultura pertinente é aquela apreendida através dos instrumentos que as sociedades utilizam e as paisagens por eles modeladas. Para Vidal de La Blache, no entanto, estes elementos só têm sentido quando compreendidos como componentes dos gêneros de vida, de acordo com Claval (1999).

A noção de gênero de vida aparecia como um conjunto de técnicas e hábitos, como uma solução ao problema de extrair do meio ambiente o que o homem necessitava para sobreviver, afirma Claval (2007, p.149): “Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina”, pois as técnicas da produção, de transporte e os hábitos pertencem à esfera da cultura. O autor esclarece ainda que, no final do século XIX, o interesse pela cultura se desenvolvia ao mesmo tempo que o interesse pela geografia humana, mas os geógrafos não podiam dar à cultura seu devido papel pois a epistemologia da geografia era de inspiração naturalista ou positivista.

Para Vidal de La Blache e os geógrafos vidalianos, “a geografia devia analisar e explicar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente onde moravam. [...] A descrição e a análise das paisagens eram apenas um meio para apreender a organização regional do espaço” (CLAVAL, 2007, p.149), pois os grupos humanos tinham de adaptar-se às condições ambientais.

Na década de 1900 os geógrafos passam a se interessar pela paisagem como uma realidade visível, na escala da vida dos indivíduos, tornando-se um objeto a ser descrito, analisado e explicado. Albert Demangeon foi um dos primeiros a adotar essa perspectiva, analisando a gênese e o papel das paisagens alteradas pela ação humana. Especializou-se no estudo das regiões industriais da Europa do Noroeste, ilustrando “as características mentais e as representações compartilhadas pelas elites e pelos grupos sociais dos países desenvolvidos”, conforme Claval (2007, p. 152).

Convém destacar ainda a proposição metodológica de Jean Brunhes, para quem a geografia humana deveria ser erigida a partir de fatos observáveis e dados objetivos, ou seja, os mapas de densidade recebiam por ele um papel menos importante, além de focar mais a paisagem, dando um valor expressivo à cultura “pela exploração dos fatores históricos e etnográficos que explicavam uma grande parte das formas observadas” (CLAVAL, 2007, p. 153).

Pierre Deffontaines desenvolveu as orientações de pesquisa iniciadas por Brunnhes, mostrando interesse pelo folclore e pela etnografia rural, e uma “curiosidade por todas as manifestações visíveis das culturas na superfície da Terra, mas a sua abordagem sofria da fraqueza fundamental da tradição vidaliana: a recusa em analisar os processos mentais e o papel das ideias” (CLAVAL, 2007, p.153).

O componente cultural também esteve presente nas abordagens da geografia histórica francesa. Dispostos a explicar a evolução específica de objetos geográficos, os pensadores dessa tendência demonstravam que a história dos elementos da paisagem se apresentava como respostas funcionais a problemas econômicos e como resultado das preferências individuais ou dos valores coletivos das populações locais, de acordo com Claval (2007, p. 154). Assim, o papel da cultura se evidenciava na sua dimensão racional e universal, ou na local e particular.

Roger Dion e Xavier de Planhol se destacam na geografia histórica, com interessantes trabalhos sobre as paisagens como realidades globais ou por certos elementos das paisagens rurais, a exemplo do estudo de Dion sobre o papel simbólico do vinho na cultura francesa, e a análise das ruas comerciais do mundo muçulmano, realizada por Planhol.

Pioneiro ao explorar os sentimentos humanos para com os lugares e espaços, em sua obra *L'Homme et La Terre*, publicada em 1952, Dardel explora o sentido da presença humana na superfície da Terra. O autor defende que a paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante e desenvolve o conceito de “geograficidade”, o qual exprime a totalidade do ser humano e seus vínculos existenciais com a Terra, sendo esta considerada o lugar, a base e o meio de sua realização.

Na década de 1960, destacam-se os estudos tropicais baseados nos contrastes e diversidades culturais, de Gilles Sauter, Jean Gallais e Pierre Gourou.

Ainda entre os geógrafos franceses, nos anos de 1960 a 1980, Armand Frémont e Paul Claval valorizam a experiência humana dos lugares, das paisagens e dos espaços, “questionando o espaço vivido e o espaço percebido, dedicando uma atenção especial às redes de valores e de significações materiais e afetivas”, segundo Almeida (2008a, p.42).

Depreende-se que o tema da paisagem ocupou uma posição importante na geografia francesa desde o começo do século XX, mas “a perspectiva considerada era geralmente funcionalista (a paisagem era explicada pela organização da produção agrícola) ou arqueológica (a paisagem era interpretada através de suas funções no passado)” (CLAVAL, 2007, p.160). No

final dos anos setenta, a paisagem deixou de ser concebida como um dado objetivo, passando a ser considerada, também, sua dimensão subjetiva.

Nos Estados Unidos, a dimensão cultural da paisagem ganhou expressividade com Carl Ortwin Sauer que, em 1925, lançou a noção de paisagem geográfica como resultado da ação da cultura ao longo do tempo sobre a paisagem natural.

“A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, e a paisagem cultural o resultado”, afirma Sauer (1998, p.59). A paisagem natural fornece os materiais que constituem a paisagem cultural, mas a força que modela e transforma a paisagem reside na própria cultura. Esse conceito de paisagem cultural incorpora, portanto, fortes elementos subjetivos.

Fundador da Escola de Berkeley, Sauer (2007) via a disciplina geográfica como algo “além da ciência”, que não deveria necessariamente trilhar os caminhos preconizados pelos positivistas. Sua geografia fundamentava-se no historicismo e enfatizava a transformação das paisagens, com estudos focalizados em sociedades tradicionais.

Sauer destacou o impacto das culturas sobre o componente vivo, vegetal e animal, das paisagens, demonstrando uma inquietação ecológica desde a década de 1930, o que mantém atuais as orientações dadas à geografia cultural de Berkeley. Entretanto, sua geografia limita-se àquilo que é legível na superfície da Terra e, como os geógrafos alemães, Sauer ignora as dimensões sociais e psicológicas da cultura (CLAVAL, 1999).

A Escola de Berkeley privilegiou cinco temas principais: cultura, paisagem cultural, áreas culturais, história da cultura e ecologia cultural, e desempenhou papel fundamental na geografia cultural.

Entre o final do século XVIII e os anos de 1970, conforme Claval (2009), existiram duas grandes concepções na geografia: a perspectiva naturalista, que investigava as relações entre natureza e sociedade, e a funcionalista, que abordava o papel do espaço no funcionamento dos grupos humanos. Para o autor, apesar dos conhecimentos proporcionados por essas concepções, ambas são incapazes de explicar a diversidade dos homens, o que gerou insatisfação entre os geógrafos a partir da década de 1970, um momento de muitas críticas em relação à ciência em geral e às ciências sociais em particular. Na ciência geográfica, a valorização do conceito de cultura incorpora a dimensão subjetiva da paisagem, a qual deixa de ser concebida apenas como um dado objetivo.

A Nova Geografia Cultural

A década de 1970 foi “uma arena de embates epistemológicos, teóricos e metodológicos, no âmbito dos quais emergem uma geografia crítica e diferentes sub-campos que, nos anos 80 iriam confluir, em parte, para gerar a denominada geografia cultural renovada”, afirma Corrêa (2009, p.2).

As concepções de cultura e leituras de mundo que predominavam até então são repensadas, instalando uma crise na geografia cultural, devido a não aplicabilidade dos conceitos e temas abordados ao contexto cultural, social, político e econômico que modifica as sociedades e, conseqüentemente, a relação do homem com o espaço, e os interesses dos geógrafos.

Para Almeida (2008a, p.46), falar em crise pode ser um exagero, pois esse momento “possibilitou uma reconstrução da geografia cultural pela renovação das leituras, de novos interesses e pela incorporação de outros elementos teórico-metodológicos”. A autora cita, neste contexto, a atenção dos geógrafos culturalistas franceses às representações identitárias e aos territórios; os geógrafos paisagistas ingleses como Denis Cosgrove e James Duncan, que se voltam para questões sobre a cidade e vida cultural, identidade, significado e imaginação, e falam de uma nova geografia cultural ligada à pós-modernidade; as discussões sobre os conjuntos de significados compartilhados e identidades sociais dos ingleses Raymond Williams e Stuart Hall; o interesse renovado pela geograficidade proposta por Dardel; a reconstrução da geografia cultural francesa que não rompe com as tendências anteriores, mas se enriquece integrando novas abordagens às já existentes, como se observa nos estudos dos países tropicais de Jöel Bonnemaïson, e nas investigações dos fatos culturais e representações de Augustin Berque e Paul Claval.

O processo de renovação da geografia cultural se fez no contexto de valorização da cultura, na década de 1980. Três viradas nas ciências sociais tiveram fortes repercussões na ciência geográfica:

a virada linguística, que ressalta que o pesquisador sempre trabalhou sobre palavras e imagens, e não diretamente sobre a realidade; a virada espacial da sociologia, que recorda que sociedades não existem numa esfera conceitual e abstrata, mas num espaço e em lugares precisos; a virada cultural da geografia humana, que enfatiza o fato de que os processos sociais, econômicos ou políticos dependem das culturas onde eles atuam (CLAVAL, 2008, p. 28).

As três viradas influenciaram a formação da nova geografia cultural.

Nesse processo de renovação, diversas influências se fazem presentes: de um lado, a tradição saueriana e o legado vidalino, e de outro, as filosofias do

significado, como a fenomenologia, e o denominado materialismo cultural. O conceito de cultura também é redefinido, liberado da visão supra-orgânica e do culturalismo, a cultura deixa de ser vista segundo o senso comum, dotada de poder explicativo, e passa a ser considerada “um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada”, segundo Corrêa e Rosendahl (2007, p.13).

Fundamentada nas correntes filosóficas da fenomenologia e do existencialismo, a geografia humanista-cultural contrapõe-se à visão lógica-positivista de espaço e aborda o espaço local e específico, o lugar, tendo como base o estudo do indivíduo frente ao mundo. Essa abordagem privilegia novas qualidades como “subjetividade, intuição, sentimentos, experiências e simbolismos, acentuando assim o singular e não o geral. Ao invés de uma preocupação com a explicação do mundo, seu principal objetivo é a compreensão desse mundo e do ser humano na sua pluralidade” (KOZEL, 2007, p.118).

O espaço, anteriormente visto como homogêneo, adquire complexidade e passa a ser interpretado como espaço vivido, privilegiando a dimensão da experiência humana dos lugares, as redes de valores e de significações materiais e afetivas.

O conceito de mundo vivido, que surge da aproximação da geografia com a fenomenologia, aponta um novo campo epistemológico, no qual a apreensão do espaço relaciona-se às diferentes perspectivas que se fazem presentes na visão de mundo de cada ser humano.

Espaço e lugar são conceitos distintos. O espaço é liberdade, sensação de amplitude, de infinito; o lugar é segurança, é um centro ao qual atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação, segundo Tuan (1983, p.6): “espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

Portanto, a perspectiva cultural na geografia se recusa a considerar a natureza, a sociedade, a cultura, o espaço como realidades prontas. Ela parte do indivíduo e de suas experiências para compreender como as realidades são percebidas e sentidas pelos homens (CLAVAL, 2009).

Ao fazer do homem o centro de sua análise, a geografia cultural desenvolve novas abordagens, e se constrói em torno de três eixos complementares: parte das sensações e das percepções, compreende a cultura como uma criação coletiva, e apreende a cultura na perspectiva da construção de identidades, conforme Claval (1997). Segundo o autor, a geografia cultural está associada à experiência que os homens têm da Terra, da natureza e do

ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder às suas necessidades, e procura compreender como eles aprendem a construir sua identidade e a se realizar.

Na França, a crítica da geografia neopositivista e a renovação dos estudos culturais levam à descoberta de novos domínios para a pesquisa geográfica: Armand Frémont defende uma geografia das formas, das cores, dos cheiros, dos sons, dos ruídos, da experiência do espaço vivido pelas pessoas; Jean-Robert Pitte aborda o papel dos sentidos e do corpo; Augustin Berque apresenta uma nova interpretação das relações entre o homem e o meio ambiente, baseada na ideia de influências recíprocas, e considera a paisagem como marca e matriz da cultura; Bernard Debarbieux focaliza as representações mentais; Antoine Bailly analisa as representações espaciais. Atualmente, os geógrafos franceses trabalham na reconstrução da geografia humana sobre bases culturais (CLAVAL, 2007).

“Uma das mais marcantes características da geografia cultural contemporânea é a percepção de que o conhecimento é múltiplo e situacional, de que existem muitas maneiras de ver e ler a paisagem” (ALMEIDA, 2008a, p.50), ou seja, não há uma unidade teórico-metodológica.

A ausência de uniformidade epistemológica na geografia cultural também pode ser definida epistemologicamente como uma heterotopia, marcada por matrizes distintas e posições individualizadas, segundo Corrêa (2009). Ao avaliar a geografia norte-americana dos anos 1990, o autor aponta, além da corrente saueriana ainda ativa no país, outras três correntes principais: a humanista, a pós-estruturalista e aquela calcada no materialismo histórico.

Influenciada pela fenomenologia de Husserl e Heidegger, e tendo Yi-Fu Tuan como o seu maior expoente, a corrente humanista busca apreender os significados e valores humanos relacionados à interpretação das paisagens culturais e lugares. A corrente pós-estruturalista critica o estruturalismo e o positivismo, recebe a influência de Geertz, Foucault e Said, e tem Duncan como um dos principais representantes. E entre os geógrafos que utilizam os aportes do marxismo estão Harvey, Peet, Mitchell e Cosgrove (CORRÊA, 2009).

No Brasil, até ao final da década de 1980, a geografia cultural era desconhecida pela maior parte dos geógrafos, devido à excessiva influência da corrente vidaliana de geografia, ao desenvolvimento relativo da geografia teórico-quantitativa e à influência do materialismo histórico e dialético, segundo Corrêa e Rosendahl (2005, 2008). Mas, a partir de 1990, o interesse pela geografia cultural no meio acadêmico brasileiro cresceu muito, apresentando uma diversidade teórica, metodológica e temática. Entre os temas abordados na produção brasileira, os autores apontam: paisagem cultural,

percepção e significados, religião, espaço geográfico e literatura, cinema e espaço de festas populares, território, imaginário e identidade.

Neste crescente interesse, surgem os grupos de pesquisa, núcleos e redes com o intuito de alimentar e difundir as discussões, como: NEPEC, Núcleo de Pesquisas sobre Espaço e Cultura, criado em 1993, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro; EPEC, Grupo de Estudos e Pesquisas do Espaço e Dinâmicas Culturais, criado em 1999, inicialmente com o nome de Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Turismo e Cultura, na Universidade Federal de Goiás; NEER¹, Núcleo de Estudos² em Espaço e Representação, criado em 2004, na Universidade Federal do Paraná, pelos professores Oswaldo Bueno Amorim Filho (PUC-MG), Sylvio Fausto Gil Filho e Salete Kozel (UFPR).

Claval (2008) apresenta as diferentes interpretações das realidades culturais desenvolvidas pelos geógrafos nos últimos cinquenta anos, estabelecendo a abordagem para a geografia cultural a partir de três perspectivas: o estudo das representações, a descoberta da corporeidade e de seus ritmos (estudo da experiência vivida), a análise dos processos culturais e socioculturais. Apesar de suas diferenças, essas três abordagens destacam o papel da subjetividade e buscam apreender o sentido da vida individual e coletiva, possibilitando, aos geógrafos de sensibilidade, diversas formas de expressão.

Depreende-se que a nova geografia cultural, marcada pelas preocupações humanistas, busca apreender os sistemas simbólicos da cultura, o espaço vivido, as representações, o papel dos sentidos, a paisagem em toda sua amplitude. A diversidade cultural passa a ser estudada além dos conteúdos materiais, incorporando a dimensão simbólica das construções socioespaciais.

Portanto, a geografia cultural investiga o papel que o espaço tem na vida dos homens, a maneira como o espaço é utilizado pelos homens e o sentido a ele atribuído. Assim, os diferentes tipos de espaços refletem a forma como o homem se relaciona com seu meio.

¹ O NEER articula projetos e grupos de pesquisa de dezenove Universidades brasileiras: UFRS, UFSM, FURG; PUC-MG, UFU; UFAM; UFBA, UNEB; UERJ, UFF; UFMS; UFG; UFPR, UEPG; UNIR; UFPB; UFMT; UFCE; UFTO.

² Temáticas/abordagens do NEER: geografia cultural; geografia social; geografia humanista; estudos de percepção e cognição em geografia; teoria e método na geografia cultural e social; geografia das representações; geografia da religião; ensino e representação; cultura e gênero; festas e festividades.

Paisagem Espiritual

O entendimento da complexa relação sociedade-natureza em diferentes espaços pode ser explorado através de inúmeros caminhos, a partir do diálogo da geografia cultural com outras áreas de conhecimento, tais como a psicologia, a antropologia, a sociologia, a história, a arte e a filosofia.

Nesses caminhos podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não-material, tanto o presente como o passado, tanto objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto aspectos objetivos como intersubjetivos. O que os une em torno da geografia cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana (CORRÊA ROSENDAHL, 2007, p.13-14).

A espacialidade humana e os processos sociais construtores de espaço estão constantemente permeados pela cultura, e investigar a cultura é deparar-se com a pluralidade humana.

A cultura, de acordo com Claval (1999, p.79), é a “soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte dela”.

Cada cultura apropria-se da natureza e dos elementos presentes no meio onde habita, transformando-os, o que é expresso na paisagem. “Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem”, afirma Cosgrove³ (1998, p.108).

O simbólico referencia a cultura do grupo ao qual o indivíduo pertence, e cada sociedade tem uma maneira muito particular de interpretar o espaço geográfico. Portanto, a paisagem não se restringe ao meio, mas expande-se em significados, fala do homem e manifesta seu ser.

Almeida (2008b, p.47) acentua a compreensão da paisagem em seus aspectos materiais e simbólicos: “as paisagens constituem-se em patrimônios sociais, históricos e culturais das diferentes comunidades humanas e, como tais, se caracterizam por serem, simultaneamente, patrimônios materiais e imateriais, permanentes e cambiantes”.

³ Cosgrove trata a cultura como uma construção social e politicamente contestada, identificando culturas dominantes, que influem mais na formação das paisagens e que tem sua consolidação associada ao poder na sociedade, ao lado de culturas alternativas, que são menos visíveis no contexto social e espacial.

Percebe-se que a paisagem emerge segundo as experiências de cada indivíduo, e daqueles que o precederam. Ao envolver aspectos objetivos e subjetivos do mundo vivido, a paisagem reflete a identidade dos grupos culturais.

A paisagem exprime o sentido que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza: a paisagem é, simultaneamente, marca e matriz da cultura, segundo Berque (1998), pois expressa uma civilização e transmite usos e significações de uma geração à outra. Assim, a análise da paisagem não se limita ao aspecto visual, pois a visão é insuficiente para captar os elementos físicos e simbólicos da paisagem.

De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não apenas a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo) (BERQUE, 1998, p.87).

Para o autor, paisagem e sujeito⁴ são cointegrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e se autorreproduz, ou seja, a paisagem não reside no sujeito nem no objeto, mas na interação complexa entre esses dois termos.

A ideia de influências recíprocas nas relações entre o homem e o meio ambiente, publicada por Berque em 1990, na obra *La médiance*, demonstra que todas as realidades geográficas são apreendidas por meio de palavras e imagens, ou seja, as relações entre os homens e a natureza, bem com as relações que os homens tecem entre eles, não são diretas, mas se apoiam em uma mediação cultural. Em sua outra obra *L'écumène*, publicada no ano 2000, o autor defende que o ecúmeno “está presente na mente dos indivíduos, e as paisagens são marcadas pelos sonhos e planos dos indivíduos” (CLAVAL, 2007, p.162).

A concepção da paisagem como uma paisagem estética é adotada por Alexander von Humboldt, no início do século XIX, para compreender a totalidade da natureza. Segundo o autor, o caráter de uma paisagem e de toda cena da natureza “depende da simultaneidade de ideias e sentimentos que agitam o observador”, esclarecem Aliata e Silvestre (2008, p.129).

Alexander von Humboldt procura na “característica total” fisionômica de uma região, ou seja, no plano estético, a chave da essência transcendental da

⁴ O sujeito em questão é um “*sujeito coletivo*: é uma sociedade, dotada de uma história e de um meio”, esclarece Berque (1998, p.86).

paisagem. Herbert Lehmann, partindo dessa valorização estética de Humboldt, concebe a paisagem como um “quadro de aparência visual integrada”, referenciando todo o complexo mecanismo que faz da paisagem um ente estético, perceptivo, cultural e psicológico. A psicologia é a chave que Lehmann usa para integrar, unir os elementos culturais e as relações histórico-espirituais de uma paisagem. Os pontos essenciais do seu método descritivo são: valorização estética, contribuição dos elementos culturais, participação espiritual, análise histórica, processo temporal, amálgama psicológico e cromatismo (ANDREOTTI, 1996).

O método descritivo de Lehmann trata a paisagem como uma trama complexa, apreendendo-a não apenas sobre a base da mera observação geográfica, mas integralmente, ou seja, a paisagem é cultura, é estética, é cor, é história, é vicissitude. Segundo o autor, a descrição apresenta as razões da própria paisagem, a razão de ser da sua cultura, que se identifica na íntima origem do seu humanismo. Nesse sentido, para apreciar a totalidade de uma paisagem, é necessário perceber os componentes psicológicos, históricos, pictóricos e estéticos que tornam a paisagem um ente espiritual (ANDREOTTI, 1996).

Partindo das contribuições de Lehmann, e também outros autores da escola alemã e francesa, Andreotti (1996) se dedica ao estudo da complexidade acerca da definição da paisagem, do seu ser, do seu devir e da sua essência como relação entre o homem e o espaço geográfico, pesquisando os motivos espirituais que podem explicar o fascínio das interrogações que o tema coloca.

Para a autora, a paisagem *tout court* é genérica, provisória, cotidiana e objetiva, e a paisagem cultural, ao contrário, se enriquece a cada século, modelando-se segundo as ideias, os sentidos, as expectativas dos povos que as construíram.

Cada cultura se expressa segundo uma ética, um patrimônio dos costumes e valores tradicionais, que estabelecem códigos de comportamento e padrões de escolha desenvolvidos dentro dessa mesma cultura. Tais padrões delineam a fisionomia de lugares, a sua estética. Portanto, a invisibilidade, que é a ética da paisagem, gera o seu visível, a sua estética. Nesse sentido, a paisagem cultural é histórica, geográfica, filosófica, religiosa, artística, ética e estética, conforme Andreotti (2012).

A paisagem não pode ser separada do homem, do seu espírito, da sua imaginação e percepção, segundo Andreotti (2012). A paisagem marca o homem e é por ele marcada, reflete o homem e a sua história, e cada comunidade inscreve na paisagem sua própria ética e estética.

Somos nós mesmos na nossa paisagem. E isso porque nós modificamos o ambiente com todos os seus elementos naturais através das nossas atividades materiais, das necessidades políticas, das instâncias econômicas, dos ordenamentos jurídicos, mas sobretudo depositamos a nossa cultura e a nossa concepção de mundo (*Weltanschauung*), o nosso modo de pensar e viver, as nossas crenças religiosas, a nossa pulsão espiritual, os nossos símbolos e valores (ANDREOTTI, 2012, p.6).

Portanto, conforme a autora, a paisagem vai além da sua definição, exprime o homem e ao mesmo tempo faz o homem, é parte integrante da história cultural de um determinado lugar.

A paisagem cultural é dotada de valores espirituais, tem alma:

Il paesaggio culturale è, invence, raro: ha un'anima. Per esso il passato non è passato perché, per via dell'integrazione psicologica, è sempre in rapporto con l'osservatore. Dunque, deve essere pensato – e questa è un'altra delle innumerevoli possibili interpretazioni – come un fatto intimo, spirituale, psicologico (ANDREOTTI, 2008, p.24).

Andreotti (1996) mostra uma grande sensibilidade estética para revelar os valores espirituais que as culturas atribuíram aos lugares, utilizando diferentes leituras para apreender os inúmeros aspectos da paisagem, como a leitura físico-naturalista, funcional, arqueológica, heterotópica, estética, ética e tecnocientífica. A busca do potencial expressivo é realizada pelo testemunho poético, literário, filosófico, artístico, figurativo, meios através dos quais o contexto geográfico ganha sentido.

Kozel (2012, p.67), abordando a geopoética das paisagens, destaca a essência do ser humano e as relações que estabelece com o mundo por meio de sua cultura, sentimentos e valores, entendendo a paisagem como “o resultado da contemplação, primeiramente no sentido ótico e em seguida espiritual da natureza, correlacionando os diversos objetos e a imaginação subjetiva dos mesmos”. Nessa perspectiva, as linguagens expressas das mais diferentes formas como as artes visuais, a música, os odores, as expressões oral e escrita, em combinação e sintonia, propiciam a compreensão da paisagem em sua plenitude.

Para Andreotti (2010, p.275), a paisagem é alma, é psique, é uma construção humana que provem de longa data, da integração de almas para almas; é um diálogo entre o passado e o presente e entre a natureza e o espírito: “A paisagem cultural, espiritual, é, portanto, tudo que está dentro de nós: é uma emoção, um estado de espírito”, a paisagem é “a encenação da alma”.

Considerações Finais

A geografia cultural surge no final do século XIX, no âmbito da própria formação da geografia, e, até a contemporaneidade, pode-se distinguir três momentos: na primeira fase, dos primórdios até 1940, a geografia cultural na Alemanha, na França e nos Estados Unidos privilegia a paisagem cultural e os gêneros de vida, resultantes das relações entre sociedade e natureza; no segundo período, entre 1940 e 1970, há uma retração da geografia cultural, pois diante da modernização, a conseqüente uniformização dos utensílios e artefatos, tidos como fatos de cultura para os geógrafos, inviabiliza a explicação da diversidade das sociedades; posteriormente, a partir de 1970, a geografia cultural é reformulada.

Os estudos de paisagem, inicialmente focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, passam a contemplar a dimensão simbólica da paisagem a partir da renovação da ciência geográfica e a conseqüente valorização do conceito de cultura.

Nesta perspectiva, a paisagem cultural deixa de ser concebida apenas como um dado objetivo e passa a considerar os elementos que ultrapassam o olhar, como as sensações vividas e sentidas pelo observador, valorizando os aspectos subjetivos da relação das pessoas com o ambiente.

A paisagem cultural, em um sentido mais profundo, pode ser percebida como uma paisagem espiritual: é criada pelo próprio observador, carregada de sentido, investida de afetividade, e envolve todas as complexidades da alma humana.

Referências

ALIATA, Fernando; SILVESTRI, Gabriela. **A paisagem como cifra de harmonia**: relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico. Trad. Paulo Chiesa. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. **Geonordeste**, Goiânia, Ano XIX, n. 1, p. 33-54, 2008a. Disponível em: <<http://200.17.141.110/pos/geografia/geonordeste/index.php/GeoNordeste>>. Acesso em: 14/05/2011.

ALMEIDA, Maria Geralda. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. p.47-74. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (orgs.) **Geografia e cultura**: a vida dos lugares e os lugares da vida. Goiânia: Ed. Vieira, 2008b.

ANDREOTTI, Giuliana. O senso ético e estético da paisagem. Tradução de: FURLANETTO, Beatriz Helena. **Ra'e ga**, Curitiba, n.24, p.5-17, 2012.

ANDREOTTI, Giuliana. **Paisagens do espírito**: a encenação da alma. Tradução de: GABRIEL, Kelton. Goiânia: Ateliê Geográfico, v.4, n.4, p.264-280, 2010.

ANDREOTTI, Giuliana. **Per un'architettura del paesaggio**. Trento: Ed. Valentine Trentini, 2 ed., 2008.

ANDREOTTI, Giuliana. **Paesaggi Culturali**: teoria e casi di studio. Milano: Edizioni Unicopli, 1996.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. p. 84-91. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2009. p. 11- 43

CLAVAL, Paul. Uma, ou algumas, abordagem (ns) cultural (is) na geografia humana? In: SERPA, Ângelo (org.). **Espaços Culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008. p.13-29.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.147-166.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de: PIMENTA, Luiz F. ; PIMENTA, Margareth de Castro A. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná E. ; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.13-74.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre a geografia cultural. **Contribuições**: 2009. Disponível em <http://www.ihgrgs.org.br/Contribuicoes/Geografia_Cultural.htm> Acesso em 23/08/2012.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A Geografia Cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, n. 2, p.97-102, 2005. Disponível em: <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08/article/view/85/45>>. Acesso em 14/05/2011.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, v.4, p. 73-88, 2008. Disponível em: <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08/article/view/12/pdf5B>>. Acesso em: 14/05/2011.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

KOZEL, Salette. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. p.114-138. In KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Mensagem; Curitiba: NEER, 2007.

KOZEL, Salette. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, PUC/ MG, v.22, n.37, 2012, p.65-78.

KOZEL, Salette; TORRES, Marcos A. Le Paysage Sonore De L'île des Valadares: Perception et Memoire Dans la Constrution de L'espace. **Revue Geographie et cultures**. Vu du Bresil,n.78, été, L'Harmattan,Paris, 2011.

SALGUEIRO, Teresa B. Paisagem e geografia. **Finisterra** – Revista Portuguesa de Geografia, XXXVI, n.72, 2001, p.37-53.

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª ed., 2007. p. 19-26.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

Beatriz Helena Furlanetto

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, com estágio doutoral Universidade de Urbino Carlo Bo (Itália). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Pianista e Professora Assistente da Universidade Estadual do Paraná / Campus Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

E-mail: beatrizhelenafurlanetto@gmail.com

Salette Kozel

Graduada em Geografia pela Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavaí, Mestre e Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora adjunto 4 da Universidade Federal do Paraná.

E-mail: skozel@ufpr.br

Recebido para publicação em maio de 2013
Aprovado para publicação em janeiro de 2014